

AMANHÃ AMADRUGADA, DE VERA DUARTE: 30 ANOS DE EXERCÍCIOS POÉTICOS COM SAL, MAR E CORPO

Sávio Roberto Fonseca de FREITAS*

■ **RESUMO:** O objetivo deste artigo é desenvolver uma análise do livro *Amanhã amadrugada* (1993), da escritora caboverdiana Vera Duarte. A referida obra está comemorando 30 anos de publicação, o que se torna muito significativo para a cartografia de autoria feminina em Cabo Verde, no sentido de ser uma produção poética que demonstra o requintado exercício de uma poesia nascida sob os elementos sal, mar e corpo. Para fundamentar as análises vamos nos ancorar nos posicionamentos críticos de Vera Duarte (2008) e Dina Salústio (2018) sobre escrita cabo-verdiana de autoria feminina, de Clenora Hudson-Weems (2020) sobre mulherismo Africana e de Oyeronké Oyewumi (2021) sobre cosmopercepção.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Amanhã amadrugada. Cabo Verde no feminino. Vera Duarte.

Introdução

Nosso objetivo aqui é desenvolver uma análise do livro *Amanhã amadrugada* (1993), da escritora caboverdiana Vera Duarte. A referida obra está comemorando 30 anos de publicação, o que se torna muito significativo para a cartografia de autoria feminina em Cabo Verde, no sentido de ser uma produção poética que demonstra um requintado exercício de uma poesia nascida sob os elementos sal, mar e corpo. Para fundamentar as análises vamos nos ancorar nos posicionamentos críticos de Dina Salústio (2018) sobre escrita cabo-verdiana de autoria feminina, de Clenora Hudson-Weems (2020) sobre mulherismo Africana e de Oyeronké Oyewumi (2021) sobre cosmopercepção.

O livro em tela nos entrega uma voz poética caboverdiana territorializada em um espaço literário cuja maior representação é dada pela autoria masculina. Escrever é um ato político do qual Vera Duarte não abre mão dentre e fora de Cabo Verde. Oportuno lembrar aqui uma memorável mesa plenária acontecida nos idos de Agosto de 2011, em Brasília, parte da programação do V Seminário

* UFPB – Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Aplicadas e Educação – Departamento de Letras. Mamanguape – PB – Brasil. 58280-000 – savioroberto1978@yahoo.com.br

Internacional Mulher e Literatura, cujas homenageadas eram as escritoras africanas e afro-brasileiras. Na altura, o referido seminário trazia para o debate o tema “Palavra e Poder: representações literárias”. A referida mesa era então presidida pela Professora Laura Padilha (UFF) e pelas escritoras Odete Semedo (Guiné Bissau), Sónia Sultuane (Moçambique) e Vera Duarte (Cabo Verde). Todas as escritoras mencionaram o dilema de ser mulher e artista da palavra nos respectivos países de origem. No momento, ficou claro que o machismo era e é um problema a ser enfrentado pelas mulheres nos países africanos de língua portuguesa. No entanto, percebemos um certo desconforto por parte das escritoras em se assumirem feministas, o que contrariou as expectativas de um grande grupo de pesquisadores na época, principalmente pelo fato de a crítica feminista ser o interseco maior de reflexão de então seminário.

Muitos de nós, voltamos para as nossas instituições de ensino com a reflexão a ser desenvolvida sobre a aversão de algumas escritoras africanas ao rótulo de feministas. Então, muito se pensou sobre um feminismo africano, feminismo negro, femismo de quarta onda, processos de transgressão feminina na África, pensamentos pós-coloniais, críticas africanistas feitas por mulheres, literatura de combate feita por mulheres, lugares de fala, estudos subalternos; ou seja, a literatura feita pelas mulheres africanas foram entregando possibilidades de construção de categorias para construção de uma cartografia literária de mulheres africanas que ainda se encontra em um estado de metamorfose epistemológica.

Fato é que, nos tempos de pandemia COVID-19, pesquisadores e pesquisadores começaram a fazer lives com escritores e escritoras africanas, situação que impulsionou muitos debates e conversas sobre posicionamentos ocidentais, eurocentrados, colonizantes para pensar o continente africano e as situações epistemológicas negro-brasileiras. De salto, em uma dessas agendas virtuais intitulada Live da Mauren, no dia 09/05/2020, no momento em que debatíamos Religião e Áfricas, quando mencionamos o termo “feminismo negro”, uma poeta baiana chamada Anajara Tavares nos atentou para refletir sobre o “Mulherismo Africana” com base na obra teórica da norte-americana Clenora Hudson-Weems (2020).

Embora muitas acadêmicas adotem o feminismo sem críticas (o conceito teórico estabelecido baseia-se na noção de que gênero é primário na luta das mulheres contra o sistema patriarcal), a maioria das mulheres Africana em geral não se identificam com o conceito em sua totalidade, e, portanto, não se veem como feministas. É certo que a priorização do empoderamento feminino e das questões de gênero pode ser justificável àquelas que não foram atormentadas pela impotência das diferenças étnicas; no entanto, certamente este não é o caso para as mulheres Africana. (Hudson-Weems, 2020, pp.37-38)

Ao passo que fomos aprofundando nossas leituras sobre Mulherismo Africana (HUDSON-WERMS, 2020), passamos a entender os posicionamentos aversos de escritoras africanas sobre o rótulo de feministas, de modo que a agenda de discussão de escritoras como Paulina Chiziane, Dina Salústio, Odete Semedo, entre outras, é sobre as particularidades de países africanos, territórios em que a colonização favoreceu as violências de raça, classe e gênero. É pauta do Mulherismo Africana o entendimento da ancestralidade, o respeito à diversidade étnica e religiosa, os contratos matrimoniais prematuros, a formação de famílias, o humanitarismo, a democracia política, os direitos humanos, a equidade de gênero, a poligamia, a monogamia, o aborto, a fome, a seca, as invasões estrangeiras em zonas rurais, consciência ambiental, políticas de país, ações afirmativas e inclusivas; ou seja, temas políticos que são urgentes para homens e mulheres que vivem no continente africana e em situação de diáspora africana.

Nesse sentido, ousamos dizer que Vera Duarte já anuncia no livro *Amanhã amadrugada* (1993) uma voz poética mulherista potencializadora de temas relevantes ao reconhecimento de uma caboverdianidade que se faz no feminino e se amplifica a partir de uma cosmopercepção africana de mundo (Oyewumi, 2021, pp.69-70), a qual ativa sensações corporais em suas várias possibilidades de interpretação política para além das categorizações essencialistas defendidas pelo feminismo ocidental.

Tanto homens quanto mulheres estão debatendo esta questão, particularmente no que diz respeito às mulheres Africana em seus esforços para permanecerem autênticas em sua existência, como a priorização de suas necessidades, mesmo que estas necessidades não sejam uma das primeiras preocupações da cultura dominante. A presente questão tem permanecido sempre a mesma: qual é a relação entre uma mulher Africana, a sua família, a sua comunidade, e seu desenvolvimento na sociedade atual que enfatiza, em meio à opressão, o sofrimento humano a morte, o empoderamento da mulher e o individualismo, sobre os direitos a dignidade e a humanidade? (Hudson-Weems, 2020, p.37)

Amanhã Amadrugada (1993) é uma obra que nos permite discutir o Mulherismo Africana. A voz poética nos leva a várias reflexões sobre amor, ódio, fome, seca, desenvolvimento social, a morte, a vida, a sobrevivência, as doenças, a guerra, a natureza humana, o meio ambiente, a política, a identidade, as religiões, a fé, a renúncia, a solidão, o humanitarismo, o companheirismo, o patriotismo, a poesia, a narrativa, a ficção, a literatura; todos os temas vinculados a modo africano mulherista de (re)conhecer Cabo Verde como um universo multifacetado na cena literária de língua portuguesa e crioula, um povo que, como pontua Simome Caputo (2021, p. 71), faz da mestiçagem o rizoma que fortalece a caboverdianidade.

Exercícios poéticos com sal, mar e corpo.

Amanhã amadrugada (1993) é uma coletânea de textos poéticos em que Vera Duarte exercita possibilidades de poesia em prosa e verso, fazendo o leitor experimentar formas multifacetadas de interpretação sobre Cabo Verde a partir de quatro cadernos de escritos com subtítulos sugestivos, a saber: Caderno 1- momentos de um longo poema dedicado ao amor; Caderno 2- Exercícios poéticos; Caderno 3- Poemas de bloqueio – e de amor e ausência; e Caderno IV – de quando se soltaram as amarras. Cada caderno nos leva a um universo estrategicamente insular que se intersecta pela equação sal, mar e corpo. As sinestésias se tornam uma linha tênue em todo o percurso poético conduzido pela voz poética mulherista e cosmoperceptiva. O corpo assume vários estágios de metamorfose ora sendo campo minado para explosões de sentimento ora sendo estado poético de especulações sociais, identitárias e políticas.

Momento VI (desabafo)

Vai e grita pelas achadas imensas
que a vida se conquista
contra a violência e a morte

Diz
do amor que brota das areias
do mar solitário
do abraço fecundo que nasce
dos confins de nossos seres.

Diz tudo
mas não digas que te amei
-e amo-
pois chega-me a morte pela recusa.
não quero morrer duas vezes!
(Duarte, 2008, p.54)

O poema acima faz parte do Caderno 1 da coletânea *Amanhã Amadrugada* (1993). O referido caderno refere-se a um longo poema dedicado ao amor. O desabafo perpassa o poema pela retórica do grito, atitude poética que aciona diversos sentidos de um corpo que se mostra inflamado por uma dor similar à solidão do mar. A enumeração iniciada em sequência introdutória das estrofes “Vai...”, “Diz” e “Diz tudo...” metaforizam o movimento do mar em linha irregular ao “amor que brota das areias”, reforçando a sensação líquida e áspera pela erupção

de um contato amoroso digesto e indigesto que não pode “morrer duas vezes”. Esse exercício neorromântico é uma constância na poética de Vera Duarte, mar e areia sempre dão um sabor salgado a solidão muito comum ao universo insular que remete ao território caboverdiano. O mulherismo se mostra no entendimento que a voz poética dá a sensação amorosa e a cosmopercepção fica marcada pela sinestesia entre o mar e a areia.

Cabo Verde é ainda e também um pequeno espaço onde mora o mundo. Nós mulheres escrevemos sobre isso, escrevemos isto. De várias maneiras, com intensidades diferentes, de vários jeitos e em vários gêneros. Escrevemos com o corpo magoado, com o corpo humilhado, com o corpo abandonado, com o corpo maltratado. Também escrevemos com o corpo alegre, realizado, dançante e vitorioso. Em primeira pessoa. E mais: nós estamos a aprender a escrever, mas sobretudo estamos a colocar-nos no lugar da outra mulher e a aprender a ver do lugar onde ela se encontra e de onde ela olha para nossa escrita a sua verdade não seja deturpada ou adaptada a outros interesses. (Salústio, 2018, pp.22-23)

A citação acima da também escritora caboverdiana Dina Salústio nos confirma a capacidade das mulheres no exercício de mostrar Cabo Verde a partir da escrita literária. Voltando ao poema *Momento VI (desabafo)*, podemos afirmar que a morte é uma forma de problematizar o estado líquido da existência poética à medida que simboliza a ambiguidade tênue entre o mar, o amar e o não amar. Os verbos marcadores da voz poética ir, dizer, gritar, brotar, querer e morrer funcionam como o movimento de um mar que quebra na aspereza da areia, fazendo surgir o amor, assim como nasce a Vênus da ambiguidade divina entre a mortalidade e a imortalidade. Um mar que se quebra em pedras, assim como o mar nas ilhas de Cabo Verde. É sobre este corpo que, provavelmente, fala Dina Salústio (2018) e que transforma em poema a Vera Duarte.

Desejos

Queria ser um poema lindo
cheirando a terra
com sabor a cana
Queria ver morrer assassinado
um tempo de luto
de homens indignos

Queria desabrochar
— flor rubra —
do chão fecundado da terra
ver raiar a aurora transparente
ser r'bera d'julion
em tempo de são joão
nos anos de fartura d'espiga d'midje
E ser
riso
flor
fragrante
em cânticos na manhã renovada.
(Duarte, 2008, p.91)

O poema acima está inserido no Caderno 3, cuja temática se volta ao bloqueio, ao amor e à ausência. *Desejos* é um poema que mantém a unidade sinestésica do livro *Amanhã amadrigada* (1993). Cabo Verde se faz presente no poema através do cheiro de terra, do sabor de cana, da flor rubra, da língua crioula (r'bera d'julion, d'espiga d'midje). O texto poético também segue o exercício da meta-poesia, insinuando simbolicamente a escrita de um poema caboverdiano, cujas ausências devem ser preenchidas com “cânticos de manhã renovada”. A quinta estrofe se organiza em uma degradação impulsionada pela ideia de uma escada, cuja acústica de subir e descer se dá pela aliteração do “r” em riso e da coliteração explícita em “flor/fragrante”. O mulherismo traz a pauta política do luto em “um tempo de luto/ de homens indignos”, registrando uma crítica social a homens que não representam uma especular dignidade caboverdiana; e a cosmopercepção se dá práticas sensoriais marcadas pelos verbos querer, ser, ver, desabrochar, raiar. A pauta política se volta para a fartura da cana, do chão fecundado, da flor rubra, do milho, fazendo a poesia lutar contra um cenário de fome muitas vezes causados pela ausência de chuva e pela falta de água, um problema ainda comum em Cabo Verde.

Corpo

Vai corpo indomável envolto em negro
beber do sangue da terra
o ódio e a morte que te darão vida

Vai firme e indócil
e perde-te nos labirintos escuros
até que nos encontremos de novo

Vai e mata à passagem
os restos fétidos
da sociedade morta
... e que um mundo irmão
limpo e incorrupto
floresça à tua passagem
de sacrifício em flor.
(Duarte, 2008, p.92)

O poema acima também integra o Caderno 3 de *Amanhã Amadrugada* (1993). O corpo aqui se volta para surgimento de Cabo Verde como uma nação que nasce do amor e do ódio. Como afirma Simone Caputo Gomes (2021, pp.70-71), Cabo Verde foi uma plataforma giratória para os colonizadores portugueses, os quais utilizam a Ilha de Santiago como laboratório para o conhecimento da costa africana e para avançar para as Índias. Quando a voz poética canta que “o ódio e a morte te darão vida” entrega uma provável interpretação sobre este processo doloroso de invasão sobre o qual “o corpo indomável em envolto em negro” é inevitavelmente submetido. A segunda estrofe em processo poético de encadeamento contínuo, para manter a unidade do poema, entrega o verso “Vai firme e indócil” na tentativa de sinalizar que “o corpo indomável” também é um espaço de resistência e de combate no momento em que é imposto a se perde em “labirintos escuros”. A retórica da esperança, recurso linguístico inevitável ao sema da invasão colonial, faz-se presente no mito do novo encontro, fortalecendo a ideia de que a fraternidade africana é o esteio para o retorno à vida. Este poema territorializa a voz mulherista (corpo indomável) e cosmoperpectiva (labirintos escuros) sobre a qual plausivelmente Vera Duarte se ancora para confirmar que Cabo Verde quebra a consistência colonial (2021, p.72), no momento em torna factível a execução dos “restos fétidos da sociedade morta” para o surgimento de “um mundo irmão/ limpo e incorrupto”.

As histórias do colonizado e do colonizador foram escritas do ponto de vista masculino- as mulheres são periféricas, quando aparecem. Embora os estudos sobre a colonização sob esse ângulo não sejam necessariamente irrelevantes para a compreensão do que aconteceu com as nativas, devemos reconhecer que a colonização afetou homens e mulheres de maneiras semelhantes e diferentes. (Oyewumi, 2021, p. 185)

Tomando por base o pensamento acima da socióloga nigeriana, assentimos que a voz poética no poema *Corpo* problematiza a questão colonial para referendar que Cabo Verde ocupa ponto relevante para a conscientização de uma narrativa colonial que só referenda a voz colonizador e não do colonizado. Quando a voz poética traz passagens como “beber o sangue da terra”, “até que nos encontremos

de novo”, “floresça à tua passagem/de sacrifício em flor”, ilustra-se, por meio de um grau acentuado de verossimilhança, os níveis de impacto da colonização frente ao povo caboverdiano, o qual por meio de um “corpo indomável” faz nascer “um mundo irmão”, o qual matou “os restos fétidos/ da sociedade morta”.

Abandono

Não quero mais tornar
ao agreste abandono das praias
onde
em nocturna violência
tua ausência me despedaçou
Meu corpo fundiu-se nas grossas areias
e ao amanhecer
só
meus lábios tinham o estranho sabor das algas

Meu corpo
estátua quente
encrustado nas rochas negras
foi invadido pelos bichos
e sepultado no frio salgado das ondas

Meu corpo
de um só amor
bebido pelas águas
desapareceu líquido no mar
(Duarte, 2008, p.95)

O poema acima também está situado no Caderno 3 do livro *Amanhã amadrigada* (1993), Abandono é um poema em que se torna mais explícita a mistura de sal, mar e corpo. O corpo se torna um espaço líquido para que o amor se misture ao sal e ao mar. Lembramos aqui o amor líquido pensado pelo sociólogo polonês Zigmund Bauman (2004), o qual mostra que o amor romântico leva a humanidade a se dispor aos seguintes exercícios: apaixonar-se, desapaixonar-se, sociabilidade, dificuldade de amar o próximo e a relação do convívio entre os indivíduos. Se observamos o poema acima, vamos perceber a liquidez amorosa nos versos: “tua ausência me despedaçou”; “meus lábios tinham o estranho sabor das algas”; “Meu corpo/ estátua quente”; “Meu corpo.../ ...desapareceu líquido no mar”. A unidade do poema se volta para retórica do abandono, o que reforça o exercício do desapaixonar-se proposto por Bauman (2004), como se pode constatar

nos versos: “Não quero mais tornar/ ao agreste abandono das areias”, “Meu corpo fundiu-se nas areias”, “Meu corpo .../ foi invadido pelos bichos/ e sepultado no frio salgado das ondas”. O mulherismo aparece quando se constata o corpo abandonado e a cosmopercepção se dá quando as sinestésias do abandono enfatizam o sabor salgado do mar, a aspereza da areia e o encrustamento das rochas; como se a modernidade líquida estabelecesse a dimensão entre o apaixonar e o desapaixonar (Bauman, 2004).

Oferenda

Tens aqui o corpo que tanto amas
É teu!
Podes amá-lo desesperadamente
E, por ele, desfazer-te em séculos
(ele nada te recusará
e a noite jamais terá fim)

Mas não me peças a alma
E o corpo para amanhã
Pois mil cadáveres juncam a estrada
E não me poderei recusar
Aqueles que sorrindo
Caminharam para a morte
Que abriria o sol ao mundo.
(Duarte, 2008, p.121)

O poema acima está no caderno 4 do livro *Amanhã amadrugada*(1993), caderno que mostra uma voz poética “solta das amarras”. *Oferenda* é um poema em que constatamos a continuidade de nossa percepção sobre a modernidade líquida amorosa (Bauman, 2004), mas também nos autoriza referenciar o posicionamento de Antonio Candido no ensaio crítico *Literatura e subdesenvolvimento* (1989, pp. 140-162), quando o sociólogo e crítico literário brasileiro nos orienta em relação à concepção amena e catastrófica do mundo a partir das sugestões dadas pelas várias possibilidades de manifestação artística para se entender uma sociedade em processo de subdesenvolvimento, tal como Cabo Verde. Logo, é lícito afirmar que a concepção catastrófica de arte (Candido, 1989) dialoga com o ato de se desapaixonar provocado pela modernidade líquida (Bauman, 2004). Este diálogo é admissível no seguintes versos: “Tens aqui o corpo que tanto amas.../ Mas não me peças a alma/ E o corpo para manhã”; e “E não poderei recusar/ Aqueles que sorrindo/ Caminharam para morte/ Que abriria o sol ao mundo”. Apesar do romantismo inicial da voz poética, a qual poderia nos levar a uma percepção amena em relação à doação

do corpo ao sentimento amoroso, averiguamos uma consciência catastrófica em relação a incapacidade de entregar a alma em função de uma consciência política em torno dos “cadáveres” que fizeram abrir “o sol do mundo”, metáfora precisa para o nascimento de instinto de nacionalidade que se fortalece em razão de uma ideologia de fraternidade africana exequível no poema de Vera Duarte por meio do mulherismo (Hudson Weems, 2020) e da cosmopercepção (Oyewuni, 2021). Eis a oferta: um corpo político e consciente do nascimento de uma nação.

Insônia

Quero sair andar
gritar chorar
Não ouvir mais os cães a latirem na rua
Nem acender uma vez mais o candeeiro
(a madrugada não conseguiu consumir
as forças que me consomem a mim)

Quero sair do absurdo diálogo
comigo
Não estender mais as mãos
para me masoquizar no vazio
Quero dormir
dormir profundamente
Pois o amanhã será de luta
E as forças não se podem eterizar
pelo caminho.
(DUARTE, 2008, p.124)

O poema acima também se encontra no caderno 4 do livro *Amanhã amadrugada* (1993). *Insônia* é um poema construído pela poética do instinto. A linguagem presente nos versos nos remete ao pensamento de escritor brasileiro Machado de Assis no ensaio crítico *Instinto de nacionalidade* (1959, pp. 28 – 34), quando nos atenta para um desencantamento em relação ao romantismo brasileiro, pelo fato de desviar a sociedade de uma reflexão crítica sobre o estado por meio de uma literatura impressionista e alienante, fato que o fez migrar para o realismo, corrente literária em que os instintos e crítica sociológica se tornam explícitos no texto literário e não mais implícitos por uma ideologia romântica desviante. Notamos este exercício poético em *Insônia* através dos versos: “Quero sair andar/ gritar chorar”, “Não ouvir mais os cães a latirem na rua”, “Quero sair do absurdo diálogo/comigo”, e “Pois amanhã será de luta”. O instinto de nacionalidade, em diálogo com o mulherismo e a cosmopercepção, se faz presente na conjugação poética dos

verbos querer, sair, andar e lutar. Ações que afirmam uma voz poética militante, resistente, humanitarista, partidária e caboverdiana. O verso “a madrugada não conseguiu consumir/ as forças que me consomem a mim” é uma linha que costura o livro *Amanhã amadrugada* (1993) na tentativa de mostrar a mensagem de Vera Duarte para o mundo. A força motriz que move a referida continua em muitas de suas produções literárias, as quais fazem de mote um arquipélago em que muitas paixões são (im) possíveis.

É esta paixão que não me deixa friamente analisar, dissecar, asseptizar. Como é do meu gosto. E como é linda esta folha de papel que nervosamente vou cobrindo de pequenas formas arredondadas que talvez morram no caixote de lixo mais próximo ou levem ao próximo milénio a mensagem do milénio mil, rica e sinuosa, vermelha como um grito, injusta e sombria, mas acima de tudo, MULHER. (DUARTE, 2008, p.57)

A citação acima da escritora Vera Duarte nos leva ao entendimento da angústia da poeta de colocar um mundo em um espaço em branco chamado folha de papel. Cabo Verde é um arquipélago a ser ainda muito desbravado pela poesia, estado divino que nos coloca sempre em uma cena inusitada. Agora, é inevitável, Vera Duarte nos entregou há mais de trinta anos uma produção literária que ainda precisa e muito ser digerida e pensada por uma crítica sensível ao olhar de uma mulher sobre Cabo Verde.

Considerações Finais

A poesia caboverdiana de autoria feminina possui muitos aspectos estéticos e ideológicos carentes de uma exploração crítica mais atenta. Na esteira deste pensamento, podemos afirmar que os poemas aqui apresentados problematizam muitas questões caras ao universo feminino caboverdiano e mostram uma nação que deve ser entendida e estudada por suas tantas diversidades e particularidades culturais.

Amanhã amadrugada (1993) é uma obra que discute maternidade, fraternidade, territorialidade, patriotismo e humanidade como ordens de pensamento que orientam o mundo a perceber a literatura como uma arte que possibilita o exercício dos afetos, dos diálogos e das resiliências.

Aqui mostramos algumas possibilidades de interpretação neste arquipélago poético multifacetado que a poesia de Vera Duarte, uma escritora que nos entrega uma literatura mulherista (Hudson-Weems, 2020), cosmopereceptiva (Oyewuni, 2021), instintivamente nacional (Assis, 1959), consciente catastroficamente (Candido, 1989) e modernamente líquida (Bauman, 2004); mas, com certeza, a literatura caboverdiana de autoria feminina é muita mais que isso. .

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. *Amanhã amadrugada*, by Vera Duarte: 30 years of poetic exercises with salt, sea and body. *Itinerários*, Araraquara, n. 58, p. 271-282, jan./jun. 2024.

■ **ABSTRACT:** *The objective of this article is to develop an analysis of the book Amanhã amadrugada (1993), by Cape Verdean writer Vera Duarte. This work is celebrating 30 years of publication, which becomes very significant for female-authored cartography in Cape Verde, in the sense of being a poetic production that demonstrates the exquisite exercise of poetry born under the elements of salt, sea and body. To support the analysis, we will anchor ourselves in the critical positions of Vera Duarte (2008) and Dina Salústio (2018) on Cape Verdean writing by female authors, Clenora Hudson-Weems (2020) on African womanism and Oyeronké Oyewumi (2021) on cosmoperception.*

■ **KEYWORDS:** *Amanhã amadrugada. Cape Verde for women. Vera Duarte.*

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira*. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 - 34:

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

DUARTE, Vera. *Amanhã amadrugada*. Praia: IBNL, 2008.

GOMES, Simone Caputo. *Saborear e cantar Cabo Verde: entre paroxismos e delírios lítero-músico-gastronômicos*. In: SILVA, Agnaldo et alli. *Literatura e Cultura de Cabo Verde: navegando pelas ilhas e pelo mundo*. São Paulo: Pontes Editores, 2021, pp.69-95.

SALÚSTIO, Dina. *Corpos escritos*. In: SALGADO, Maria Teresa et alli.(orgs). *Escritas do corpo feminino. Perspectivas, Debates, Testemunhos*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

HUDSON-WEEMS, Clenora. *Mulherismo Africana*. Tradução de Wanessa A.S.P. Yano. São Paulo: Editora Ananse, 2020.

OYEWUMI, Oyeronke. *A invenção das mulheres*. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

